A HISTÓRIA DE (UM) IDEAL

Bruno Lima Rocha e Renato Ramos*

> "Fui criado sem nenhum tipo de repressão em casa, e naquela época o anarquista ia com sua família para todos os lugares que podia..." (Ideal Peres)

Quando fiz o perfil do texto que segue adiante, a dimensão era muito modesta. Estava ainda na *Universidade Federal Fluminense*, na Faculdade de Jornalismo do *Instituto de Artes e Comunicação Social* (IACS). Era um trabalho de graduação, um dentre tantos. Uma das várias cadeiras de redação, estilos de reportagens e nosso professor, um veterano jornalista, nos mandou fazer um perfil. A tarefa seria produzir algo interessante e ao mesmo tempo original. Não pensei duas vezes com quem fazer. Ideal Peres foi meio arredio a princípio, não gostava de falar em primeira pessoa e menos ainda da vida privada. Essa salutar tradição continua uma prática corrente no anarquismo. Talvez por isso a prosa com o médico militante tenha girado para sua memória de infância e o exemplo de casa, com pai – Juan Pérez Bouzas (galego de nascimento) - e mãe - Carolina Bassi (filha de imigrantes italianos) - ambos anarquistas.

Ideal nasceu na cidade de São Paulo em 1925 e sua infância começou durante o Estado de Sítio e na vigência das leis celeradas do período Arthur Bernardes, passou pela aplicação da Lei de Segurança Nacional no governo Vargas, e marchou a passo-de-ganso no rumo ao autogolpe do Estado Novo. O dia-a-dia de seu pai e sua mãe era bem pesado: trabalho árduo de segunda a sábado, tarefas domésticas e, no caso de Juan, toda a atividade na *União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas* e os frequentes confrontos com a repressão policial, com a pelegada ("crumira" e amarela) e também encarando os bolcheviques brasileiros. Estes, na primeira geração vieram do anarquismo - porque não afirmar que seriam sua "ala direita" – e na segunda já teve a adesão do tenentismo, da milicada que tinha como símbolo a figura do capitão-de-artilharia Luís Carlos Prestes, um dos comandantes da famosa Coluna que atravessou o país sem nunca ter perdido uma batalha. Na década de 1930, a conjuntura apertou mais ainda, tornando-se uma estrutura repressiva e anti-sindical bem mais "profissional" do que nos 30 primeiros anos do século. Novos elementos na história, incluindo uma reforçada direita católica – não é exagerado afirmar uma vertente fascista

* Bruno Lima Rocha (texto) e Renato Ramos (revisão e crítica). Canoas/RS e Petrópolis/RJ, 13 de outubro de 2020.

e conservadora na Igreja de Roma então aliada de Mussolini – e uma devida resposta através da *Liga Anticlerical*, que editava o jornal *A Lanterna*. Além dessa frente importante, o combate urgente, rua por rua, quadra por quadra, sede por sede, ato por ato, marcha por marcha, confrontando os "galinhas-verdes", da degenerada *Ação Integralista Brasileira* (AIB), a versão tropical do fascismo.

O texto narra a participação do pai do Ideal na ação direta antifascista, forjada na década anterior com a autodefesa dos sindicatos de resistência contra a repressão patronal, tanto na forma policial como contra capangas e escoltas de donos de fábricas, bem como contra os membros do PCB, que utilizavam desde meados dos anos '20 todas as armadilhas possíveis para se apossarem dos sindicatos controlados pelos anarquistas. Se imaginarmos o narrado, estamos diante de um filme político de primeira grandeza. O mais importante deve ser ressaltado: até 1935, não se tratava de exceção e sim de regra, cotidiano da "vida intensa e militante", onde o mundo do trabalho precisava de seu círculo concêntrico mais ferrenho. Foram mais de trinta anos, duas gerações militantes até o paradoxo ir se concretizando: a conquista dos direitos trabalhistas e sociais veio acompanhada de mais repressão, proibindo as agremiações sindicais livres e vendo o classismo do início do século XX ser submetido às disputas eleitorais e composições partidárias policlassistas, incluindo até militares em suas fileiras. Quando da retomada do anarquismo na década de '80, nossa ideologia tinha no exemplo da terceira e quarta gerações de militantes, ainda formada na memória e primeiras experiências desta duríssima segunda geração.

Infelizmente, a linha política da retomada era uma coletânea das experiências de nossas derrotas históricas nas décadas de '20 e '30. Reconhecemos o papel fundamental das duas gerações posteriores que mantiveram a ideologia, perseguida em definitivo no Estado Novo e, quando jovens militantes, encararam um mundo com de bipolaridade, de um lado os USA e seus satélites e, do outro, a União Soviética e seus países aliados que chegaram a governar cerca de um terço da humanidade. Ainda assim, respeitosamente, é preciso observar nossas divergências.

Enquanto vivíamos o auge das lutas populares da Abertura Política e o fim da ditadura, o reformismo radicalizado do PT, ainda como partido de esquerda, era hegemônico no movimento popular brasileiro. Definitivamente, a militância sindical, estudantil e territorial que chegou com toda vontade política não recebeu linha – tipo, "faz o quê e por onde". Por um lado, ficamos aguerridos na convicção do socialismo libertário, e um "calo ideológico" gigantesco porque vimos e estudamos o "marxismo real" e não o imaginário das releituras absurdas do revisionismo histórico na segunda década do século XXI, com a magia cibernética operando identidades de "*bad boys* imaginários pintados de vermelho". Por outro, voltando para a década de '80, faltou tato, sensibilidade e experiência para o momento vivido.

Um exemplo da linha não expressa. Ideal e Esther Redes, sua companheira, por exemplo, eram bons militantes comunitários na *Associação de Moradores e Amigos do Leme* (AMAL), com muita atividade e alianças de base, como na pastoral social da Igreja Católica, relações com a liderança das comunidades do Chapéu Mangueira e Babilônia. Ou seja, viviam no asfalto, mas faziam na prática uma "frente de trabalhadores e excluídos", sem preconceito e sectarismo. Linha correta, podendo ser incorporada em qualquer frente de luta urbana no século XXI. Logo, supõe-se que tais práticas poderiam formar um modelo e serem reproduzidas em outras frentes. Mas, na ausência de uma organização política anarquista específica, o saber e o aprendizado políticos se perdem no meio da memória e dos debates mais doutrinários do que teóricos (sendo que para nós, a teoria é o momento da dúvida, da tradução das ideias-guia em ação política).

O esforço político era outro. Editávamos a briosa revista *Utopia*, publicação para difundir teoria e história do anarquismo (cinco números entre 1988 e 1992), dando sequência à experiência muito importante de organizar de modo federativo a segunda fase do jornal *O Inimigo do Rei*. O cotidiano político era composto pela reunião semanal do *Círculo de Estudos Libertários* (CEL) – em sala alugada na antiga Escola Senador Corrêa, na Praça São Salvador; pela presença de grupos de afinidade (a começar pelo mais antigo da retomada no Rio, o GAJO, *Grupo Anarquista José Oiticica*) e atuações pontuais, além de algumas campanhas. Destas, a mais relevante e com impacto na época de entusiasmo pela democracia liberal burguesa era a do Voto Nulo, que foi especialmente intensa na eleição de 1988. Motivo de um sem fim de polêmicas, não raro o esforço militante anarquista para evitar o aparelhamento de entidades estudantis, denúncia e muito deboche da pretensão das correntes marxistas (essa espécie de profecia laica onde a ciência vira religião e o dirigente simula portar alguma "verdade histórica") de pateticamente "explicar a realidade" terminava em pancadaria ampla, geral e irrestrita. Dificilmente uma instância estudantil (universitária e secundarista) era realizada sem tensões e muita, muita provocação. A militância advinda de Ideal e Esther, apesar do temperamento complicado do casal de veteranos, era aguerrida e muito dura com os "pares do socialismo autoritário". Ninguém aceitava mais tomar bola nas costas, e segue não aceitando.

Vale observar a relevância do lançamento do boletim *Libera...Amore Mio* em junho de 1991, que passou a divulgar as atividades semanais do CEL e textos libertários, crescendo e extrapolando as paredes dessa instância nos anos subsequentes, e se tornando o periódico (ainda existente, sob o nome *Libera*) da *Federação Anarquista do Rio de Janeiro* (FARJ) em setembro de 2003. Atualmente, o *Libera* é o periódico anarquista brasileiro de maior longevidade contínua.

Essa Introdução abrange o período que vai de 1985 a 1992. Ideal e Esther, no primeiro semestre de 1991, se afastaram da presença física nas atividades do CEL, mas seguiram apoiando o

que era realizado. Escrevemos este texto 25 anos após o falecimento de Ideal Peres (16/08/1995, Esther faleceu no Rio de Janeiro no dia 2 de agosto de 2013, aos 90 anos) e a mais de 30 anos do início destas experiências no Rio de Janeiro. Muito mudou, e sob nossa ótica, para muito melhor. Reconhecemos a discrepância com a Síntese, entendemos hoje que a relevância da inserção social é superior ao da memória histórica, e que os instrumentos da cultura de classe servem e muito, mas desde que tenhamos um projeto político para a sociedade. Somos muito brasileiros e latino-americanos, já não confundindo o internacionalismo com formas mais eurocêntricas do que internacionais. Enfim, a ideologia amadureceu, mergulhou nas lutas sociais e concretas de seus tempos e, desde 1995, com a fundação da *Federação Anarquista Gaúcha* – FAG (em 18 de novembro, data da Insurreição Anarquista de 1918 no Rio de Janeiro), temos o Especifismo como forma de nos organizar e ajudar a organizar a luta dos povos dos brasis, de Palmares e Pindorama.

Esse perfil, que sofreu algumas atualizações sem, no entanto, perder a estrutura e o conteúdo originais, é uma singela homenagem, resgate de nossa própria memória e, a Introdução, uma contextualização do período do anarquismo que vai do governo Sarney ao *impeachment* de Collor. Muito ainda falta para analisar e retomar, incluindo os debates teóricos, rotina política e atividades militantes do *Grupo Anarquista Ação Direta* (GAAD – abril de 1990 a outubro de 1992), do jornal *Mutirão* (1991), das primeiras aproximações com os movimentos sociais a partir do CEL e da participação do *Libera* na "Construção Anarquista Brasileira", o projeto inicial Especifista. Se chegamos onde estamos e para onde queremos ir, Ideal e Esther têm muita responsabilidade nisso. Agradecemos todo o empenho desse incansável casal de militantes anarquistas e nestas modestas palavras, fica todo nosso reconhecimento.

"Ideal Peres é filho de um operário sapateiro e de uma operária tecelã. Seu pai, Juan Pérez Bouzas (João Pérez), imigrante galego aqui chegado em novembro de 1915 com 16 anos, de origem humilde, logo entrou em contato com as ideias libertárias e se tornou um dos grandes militantes de seu tempo. Sua mãe, brasileira filha de italianos de origem camponesa, também era anarquista. Com a mãe trabalhando o dia todo e o pai ou no trabalho ou fugindo da repressão, Ideal, desde o dia do nascimento em 18 de setembro de 1925, conviveu com o cotidiano anarquista, a dura vida de seus pais e a infância sem repressão familiar proporcionada em especial por sua avó, que era quem cuidava dele.

O bairro de Rio Bonito – uma parte do Brás – era uma localidade industrial e residencial, bairro onde viviam as famílias de operários, cuja grande parte era composta de anarquistas. Ao contrário dos dias de hoje, por esta época as ideias libertárias circulavam basicamente pelos

trabalhadores, e estes conviviam com uma "cultura de classe", que lhes dava identidade própria e diversão, além é claro de muita instrução e consciência. A prática mais comum era o autodidatismo, sendo que grande parte dos trabalhadores aprendera a ler e escrever dentro dos sindicatos de resistência (de orientação anarquista). Vivendo onde vivessem, havia sempre livros e mais livros, jornais e mais jornais e tudo o que pudesse "contribuir para o crescimento material e moral da classe trabalhadora", pois só se construiria um mundo livre com seres – indivíduos - livres e autônomos.

Ideal recorda dos imensos piqueniques anarquistas, alguns chegando a três, às vezes cinco mil pessoas. Alugava-se um parque e durante um dia inteiro de tudo havia; jogos, refeições coletivas, palestras, teatro (o tão querido teatro social), música e tudo mais que pudesse integrar as famílias libertárias de manhã até a noite. Outra atividade comum eram os festivais promovidos pelos anarquistas, tanto para recreação como para arrecadação de fundos. Num salão próprio ou alugado, a noite começava com o canto da Internacional, após rápida palestra sobre algum tema importante, seguido de uma peça de teatro social – encenada pelos próprios operários – e às vezes ainda havia um baile. Cadeiras e mesas eram afastadas e fosse com uma orquestra operária ou uma amadora (como uma vez foi contratada uma orquestra de cegos), o baile ia até o sol raiar.

Tal cultura de classe impulsionada pela ideologia anarquista ia bem mais longe. "Tudo o que depois foi chamado de contracultura já era experimentado pelos anarquistas no início do século XX, como a mudança nos costumes, no jeito de se vestir, na medicina naturalista, no convívio ecológico – haviam inúmeras excursões para o campo -, o autodidatismo. E isso tudo era feito por gente de origem muito humilde, que cresceu e se alfabetizou na luta...", assim disse o Ideal.

Há mitos e lendas falando mal dos libertários, inventando fantasiosos episódios de contradição explícita, mas a maioria deles sem nenhum fundamento, pois: "- O problema que os anarquistas sempre fizeram questão de dizer era o problema da ética, sem ética não se consegue fazer nada."

Nesse ambiente, extremamente ético e até orgulhoso – se dizia que para ser bom lutador social havia que ser muito bom naquilo que se fizesse, portanto, era consenso que todo anarquista tinha que ser bom operário. Ideal lembra de um episódio numa fábrica pequena, onde todos os operários anarquistas foram presos e no mesmo dia o patrão foi soltá-los, dizendo que eles trabalhavam bem e só tinham uma banca de propaganda no local de trabalho; banca esta que, por sinal, fazia propaganda contra o alcoolismo, uma praga que atingia grande parte dos trabalhadores e os deixava impotentes na mão do sistema.

São Paulo já era poluída então, a classe alta ficava nos subúrbios e, no perímetro urbano, a classe produtiva. Sua infância nesta cidade era também de algumas "contradições"; estudou um

tempo em escola particular que embora fosse laica, mista e sem uniforme, era altamente repressora (lembra Ideal "o diretor luso, ao contrário dos professores, chegava até a bater nos alunos"), um contraste incrível com o da sua casa e seu bairro.

Outra lembrança marcante de sua infância era dos feitos de seu pai e companheiros, sempre em alguma luta, muitas vezes fugindo, mas com a força moral de quem sabe o que fazer para ser livre. João Pérez era um militante extremamente valente e audacioso. Em depoimentos de companheiros de Ideal foi dito que ele entrava nos quartéis para distribuir panfletos antimilitares, esperava a repressão às vezes sozinho na porta do sindicato e participou de inúmeras greves, manifestações e enfrentamentos. Uma vez, recordou Ideal, seu pai chegou em casa com um arsenal de armas e munições que tiveram de ser bem escondidas para o caso da polícia revistasse a casa(*Nota dos autores*: diversas vezes, o pequeno Ideal, então com 8 ou 9 anos, ao levar a refeição para seu pai nas sedes da *Aliança dos Artífices em Calçados* ou da *Federação Operária de São Paulo* (FOSP), normalmente vigiadas pela polícia, levava ou retirava armas disfarçadamente do local. Ainda nos anos '80 e '90, Ideal sempre portava nas manifestações uma insuspeita bolsa de supermercado, desta vez com panfletos e jornais para distribuir).

Este arsenal era para enfrentar os fascistas do movimento integralista – os "galinhas-verdes" da *Ação Integralista Brasileira*(AIB), em 1934. A resistência ao fascismo no mundo inteiro começou em 1922 na Itália e foi feita majoritariamente pela militância anarquista. No Brasil não seria diferente. Em 1934, os integralistas marcaram uma marcha para a praça de Sé. A FOSP (composta por sindicatos de resistência com orientação de militantes anarquistas) disse que se fossem para a Sé iam levar era tiro; foram e levaram. A praça era cercada por prédios, onde os anarquistas alojaram-se, a polícia e o exército estavam também nos prédios para tentar controlar a resistência. Quando os fascistas chegaram, com mulheres e crianças na frente, um pequeno grupo de libertários tomou a torre da Catedral da Sé então em construção, onde havia uma metralhadora. O grupo, tendo à frente Juan Pérez e o ucraniano Stepanovitch desalojou os militares e se apossou da arma – dotada de tripé – e dispararam sobre as cabeças da fascistada. Os galinhas-verdes provaram que não voam, mas que correm muito, saindo em disparada em meio ao tiroteio e perseguição da militância anarquista que rompeu a barreira policial em uma das ruas de acesso à praça. Segundo o anarquista Antonio Martinez, presente ao confronto, alguns corajosos integralistas debandaram "esquecendo" as mulheres e os filhos na Sé.

Houve outros episódios do gênero, como num comício dos integralistas na avenida São João; no momento que Plínio Salgado ia começar a falar um padeiro anarquista atira nele e erra. Começa uma correria louca, onde este mesmo padeiro sai ferido e acaba num hospital. Assim que recobra os sentidos foge do local para não ser preso. Isso foi em 1934. A partir da criação dos

sindicatos oficiais e o vergonhoso acordo destes como PCB, começa o isolamento dos anarquistas. A repressão é violentíssima desde a década primeira do século – "a questão social sempre foi caso de polícia" – fica pior na década de '20 – e agora, além do Estado, os anarquistas têm que enfrentar a delação e as tropas de choque dos comunistas – e na década de '30, com todos os pelegos e marxistas nos sindicatos oficiais, a resistência ao Estado e ao sistema é cada vez mais difícil.

Em 1936 se intensificam ainda mais as deportações, com a aplicação da Lei de Segurança Nacional, promulgada em4 de abril de 1935 (Lei nº 38). A expulsão de militantes estrangeiros já ocorria desde o início do século XX, aumentando de intensidade a partir da "Lei Adolfo Gordo", de 4 de janeiro de 1907. Sucessivas "leis celeradas" produziram ao longo das primeiras três décadas do século um clima de crescente repressão política e social, especialmente sobre os anarquistas. Nas várias etapas da Era Vargas, em 1937 foi instaurada uma nova ditadura, denominada de Estado Novo, piorando ainda mais a situação da classe trabalhadora organizada, sendo os sindicatos livres definitivamente fechados. A militância anarquista, então à frente do único movimento de base popular urbana – os outros eram hegemonizados por milicos e classe média – foi caçada por todo o Brasil.

Com o decreto das deportações de estrangeiros envolvidos na luta social, o pai de Ideal foi incluído nesta lista. Como espanhol de origem, seria deportado e lançado nas mãos dos fascistas de Franco em plena guerra contra os revolucionários anarquistas da CNT/FAI (*Confederação Nacional do Trabalho* / *Federação Anarquista Ibérica*, na época respectivamente com 2 milhões de filiados e mais de 200 mil filiados).

João Pérez após a Batalha da Sé, foi obrigado a se esconder, perseguido pela polícia e jurado de morte pelos fascistas, logo depois escapando rumo ao Rio Grande do Sul, recebendo a solidariedade dos anarquistas por onde passou. Algum tempo depois, baixada a poeira, retornou para São Paulo e, clandestinamente, deslocou-se para o Rio de Janeiro. Nesta cidade reencontrou sua família e, com a sempre presente solidariedade de companheiros como José Oiticica, conseguiu se estabelecer na então capital da República e trabalhar sem carteira. Esta foi outra luta travada pelos libertários desde o início da década de '20, pois com a carteira de trabalho o Estado identificava o operário, sabia se ele tinha militância, onde trabalhava e morava. Ao mesmo tempo, o reconhecimento dos direitos do mundo do trabalho foi fruto de mais de 40 anos de luta sob a orientação anarquista, mas acumulada através do trabalhismo com Vargas à frente. Ainda com a ajuda de José Oiticica – grande militante ácrata e professor do renomado Colégio Pedro II – que custeou seus estudos, Ideal conseguiu terminar o primeiro e segundo graus e, em seguida, ingressar na Escola de Medicina da então Universidade do Brasil.

Já na universidade, junto a um pequeno grupo, conseguiram editar um jornal – *O Plantão* – e fazer algumas coisas, embora o grêmio estivesse proibido e “a UNE era um antro da direita e depois da dita esquerda nacionalista...” como disse Ideal.

Ao formar-se já estava com sua companheira de vida inteira, Esther de Oliveira Redes, que conhecera em um piquenique anarquista em Niterói, este de pequenas proporções. Esther era professora e também anarquista. Vivem juntos até hoje e optaram por não ter filhos.

Em seu tempo de faculdade, as manifestações populares mais fortes – segundo Ideal - foram espontâneas, ou de forte teor conflitivo, como os constantes protestos contra o aumento do preço dos bondes. No mais, era época do pós-guerra, quando a “mãe Rússia” – através da União Soviética antes e após os expurgos de Stálin - exportava sua política para o mundo e, na tradição europeia ou eurocentrada, os anarquistas estavam quase esgotados. Isto apesar de terem participado ativamente na resistência em toda a Europa, especialmente na França, Itália e Iugoslávia.

Ideal se formou em Medicina em 1954, um pouco tarde para concluir um curso acadêmico. Especializou-se como médico reumatologista e depois passou a fazer perícia médica, função que exerceu por muitos anos no hospital do antigo INAMPS (depois sendo criado o INSS) do Méier, no Rio.

Enquanto trabalhava no atendimento da população, após formar-se, Ideal e um grupo de anarquistas manteve o *Centro de Estudos Professor José Oiticica* (CEPJO). Em sua sede, no Centro do Rio, manteve-se a memória dos libertários durante longo tempo, até o AI-5. Um episódio marcante foi no dia do golpe de Estado de 1º de abril de 1964. O CEPJO só funcionava à noite e, para pagar o aluguel da sala, esta era sublocada durante o dia para a POLOP (*Política Operária*), organização da esquerda marxista não-soviética e que tinha atuação parcialmente clandestina. Havia um acordo entre os grupos que usavam a sala de não deixar material de propaganda em função do perigo, mas a POLOP não cumpriu o acordo e no dia do golpe, os anarquistas tiveram de esconder o material dos marxistas.

Ideal e António Corrêa (Edgar Rodrigues) saíram de caminhão com o material “subversivo”, foram até a estrada Rio-Petrópolis – não puderam seguir porque o exército cercava a área -, depois até a antiga Rio-Niterói (antes da ponte se cruzava a Baía ou de barca ou dando a volta por terra) e também não deu. Passaram, por sorte, por três barreiras de milicos e acabaram jogando o material na ilha da Boa Viagem, em Niterói.

Depois do golpe, o CEPJO continuou funcionando sem propaganda até o AI-5. Quando a barra pesou, Esther ficou foragida e Ideal passou 25 dias preso, primeiro na Base Aérea do Galeão e depois no DOI-CODI, na Rua Barão de Mesquita, na Tijuca. “Não precisa muita coisa para enlouquecer um homem, basta deixa-lo 25 dias sem banho, sem notícias de seus companheiros e

escutando os gritos de gente sendo torturada embaixo de você." Foi solto antes de enlouquecer e se manteve são e ativo até o último dia de vida.

No período do AI-5, o grupo de libertários que se manteve organizado fazia pequenas reuniões de fim de semana nos arredores de São Paulo. Um dos maiores problemas era a correspondência com o movimento no exterior, totalmente cortada. Caso não houvesse este esforço, mesmo numa situação de risco, os danos para o anarquismo no Brasil seriam incalculáveis.

Já no governo Figueiredo, surgiu o jornal *O Inimigo do Rei*, na Bahia, que aglutinou os libertários de todo o Brasil, inclusive o histórico *Grupo Projeção*, do qual Ideal fazia parte.

A partir de 1985, dá-se o início do ressurgir maior do anarquismo no Brasil, agora com o movimento punk (depois com o anarco-punk), grupos de estudantes, tentativa de retomada do anarcossindicalismo, a vertente da Somaterapia, e a reabertura do *Centro de Cultura Social* de SP – do qual Ideal fez parte, no bairro do Brás onde nasceu. No Rio, foi fundado em 1986 o *Círculo de Estudos Libertários* (CEL, depois se tornando CELIP, em homenagem ao próprio Ideal Peres após seu falecimento), onde ele também esteve presente por vários anos. Caso não houvesse esta continuidade histórica, feita por militantes incansáveis como Ideal Peres, Jaime Cubero, Antonio Martinez (o "Martins") entre tantos outros, quase tudo seria perdido no andar da história e na repressão das tiranias.

...com a mesma ética de tantos lutadores anônimos...

Perguntei ao Ideal como é ser anarquista aos 67 anos?

Ele para, pensa e começa dizendo que a gente muda muito, cresce muito, vê um monte de coisa e como indivíduo a militância nos transforma demais. Como na associação de moradores a qual ele faz parte, no hospital público sob administração estatal – o Estado o chama de público, mas o público pertence ao povo e como não há democracia interna, é de vocação e função pública, mas sob controle estatal – onde ainda trabalhava quando da entrevista e via gente morrendo todo dia por falta de condições humanas de vida e ...

- Existe esta história de luta final?

Responde de imediato que isso não existe, o que existe é o aqui e agora, a luta constante de pessoas voluntárias e grupos organizados para crescer e serem livres. O anarquismo está além do bem querer ao próximo e "fazer as coisas com tesão", ele é a atitude e o compromisso, tudo feito com ética e vontade...

Fala nas falhas que o "movimento anarquista" teve, inclusive da pior delas, durante a Revolução Espanhola.

Vem a última pergunta, faço-a com calma.

- Ideal o que você pensa de combatentes libertários como Buenaventura Durruti (herói da Revolução Espanhola e do anarquismo em todo o mundo), de tantos outros como ele, dos grupos de ação e militantes com trajetórias parecidas?

Ele demora um pouco, seus olhos chispam e vem a resposta. Diz que se tiverem a ética de um Durruti e não se tornarem “profissionais” de revolução, sua atuação é válida, assim como a de qualquer outra militância sincera e consequente para o - ainda à época por ele denominado - “movimento anarquista”.

Obs: a entrevista acaba, mas libertários como este, milhões de incansáveis anônimos, nunca terminam...

(Juan Perez – 1947)

(Ideal Peres – 1948)

(Esther, Ideal, Renato e Pedro)